

| **Simpósio - Como se faz uma tese em sociologia da educação?** |

A obrigação de criar clareza sobre os fenómenos socioeducativos

Bruno Dionísio

CICS.NOVA, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH/NOVA)

Em conclave, o cardeal Melville é eleito Papa. Mas o fumo branco é ensombrado quando Melville é acometido de um ataque de pânico que o impede de assomar à varanda de São Pedro para cumprir a bênção *urbi et orbi*. Esta cena do filme *Habemus Papam*, de Nanni Moretti, poderia muito bem ilustrar um episódio da vida de alguém que tem em mãos uma tese.

É bem possível que todos já tenhamos passado por um “momento Melville”, seja como autores ou como orientadores de uma tese. O pânico da página em branco, da tirania dos prazos, da tese que não medra, o medo da banalidade, do ritual de prestação de prova pública, da ressaca do dia seguinte à “tormenta”... são muitos

os episódios que nos farão sentir próximos da angústia de Melville.

A minha curta experiência de orientação dos últimos seis anos é maioritariamente caracterizada por uma (potencial) dupla dificuldade: ensinar sociologia em programas de pós-graduação do ensino superior politécnico; orientar dissertações em mestrados pluridisciplinares, com uma forte ênfase na intervenção (socioeducativa) e frequentados por estudantes sem (ou com pouca) formação sociológica de base (professores, educadores, assistentes sociais, etc.).

Se hoje é uma realidade incontornável a presença de doutorandos em Sociologia que não são sociólogos e que por vezes não dominam os rudimentos da

disciplina (como a distinção fundamental entre problema social e problema sociológico), em mestrados com as características que acabo de enunciar, onde às vezes é forte a militância, o compromisso ideológico e a “intervenção engajada” na resolução de problemas sociais, o cenário pode ser mais avesso à sociologia, quando dela se espera aquilo que não pode (ou não deve) dar.

Nestes casos, a “vocação” da sociologia, na velha linhagem weberiana, transforma-se numa prova de resistência permanente. É deontologicamente aceitável orientar uma dissertação que não radique no domínio da ciência sociológica, ou que saia da esfera científica, a única para a qual estamos mandatados e habilitados?

Não é fácil preservar o “castelo da ciência”, e a crise de vocação ou de perseverança (de orientadores e orientandos) é testada com fulgor em aulas e sessões de orientação, com mal-entendidos flagrantes sobre o que significa investigar, ou

quando o sentido da investigação insatisfaz as motivações pessoais dos orientandos (“para que serve uma tese, afinal?”).

Os equívocos são muitos. Num seminário de investigação, uma mestranda não escondia a ira e a vontade de denunciar à segurança social uma mulher, entrevistada para a sua dissertação, que lhe narrou como fintava o sistema para receber indevidamente o rendimento social de inserção; outra mestranda não sabia o que fazer a uma confissão de um crime de que uma das suas entrevistadas teria sido vítima; outra, ainda, insistia em querer contribuir com a sua tese para resolver um problema da *sua* escola; um outro, enfim, fazia aquele elogio que deixa qualquer sociólogo à beira de uma síncope: “a sociologia ao fim e ao cabo é falarmos daquilo que já sabemos”.

Se a tarefa de um orientador é ensinar a reconhecer os fatos incómodos (incluindo neles os seus próprios “fantasmas”), «o profeta e o demagogo não devem ocupar a

cátedra de uma sala de aulas» já que «no espaço de um auditório universitário só deve existir uma virtude: a simples probidade intelectual» (Weber, 2005, p. 22 e p. 33). Assim, se à ciência não diz respeito o mundo dos deuses e das suas eternas lutas (ibidem, p. 24), as teses e os seus protagonistas, orientadores e orientados, estão unidos pela (simples) «obrigação de criar claridade» (ibidem, p. 28) sobre os fenómenos.

Não sendo tolerável a destruição de objetos à nascença, é um imperativo ético dissolver questões não comandadas pelo método científico, neste caso, *problemas não problematizados* sociologicamente. Afinal, aquilo que edificou a sociologia como disciplina científica, institucionalizada, academicamente consagrada, social e politicamente reconhecida, não pode ser considerado coisa pouca que justifique o abandono dessa sua matriz.

Uma dissertação realizada num mestrado de natureza

profissionalizante, na área da intervenção socioeducativa, não está isenta de passar pelo crivo da problematização cientificamente fundamentada. E, sendo orientada por um sociólogo, o foco não pode ser outro que não o da construção de um objeto sociológico. Até porque não é possível “intervir” sem assumir estes requisitos como condição inalienável da atuação profissional.

Se o ponto cardeal na condução de uma tese for então o da obrigação de criar claridade, tudo o resto pode ser mais ou menos mitigado pela sagaz prescrição de Gabriel Peters: «escrever um parágrafo merda todos os dias. Não é indispensável que o parágrafo esteja uma merda. A ideia de um “parágrafo merda” serve apenas de lembrete para o fato de que, se você escreveu seu parágrafo naquele dia, como havia feito ontem e fará amanhã, você venceu a resistência. Portanto, seu dia de trabalho foi um sucesso, mesmo que o parágrafo esteja realmente uma merda. Retorne aos

seus parágrafos-merda com frequência, melhorando-os e polindo-os como um alquimista paciente que os transformará em ouro ou, pelo menos, em algo que já não é mais merda.» (Peters, 2017, p. 9)

Post-scriptum: a “síndrome Melville” nunca acaba. Sete anos depois de terminar a sua tese, o autor deste texto continua a senti-la e a exorcizá-la. Desde que não paralisante, Melville pode visitar-nos regularmente, se isso contribuir para, de alguma maneira, nos esforçarmos por fazer e orientar trabalhos que cumpram a vocação da sociologia.

Bibliografia

Peters, Gabriel (2017), «Pânico da página em branco? “Um parágrafo merda por dia” e outras dicas para desbloquear a sua tese», *Blog do Sociofilo*, consultado em 29-11-2017, disponível em: [https://blogdosociofilo.files.wordpr](https://blogdosociofilo.files.wordpress.com/2017/11/blog-do-sociofilo-pc3a2nico-da-pc3a1gina-em-branco-22um-parc3a1grafo-merda-por-dia22-e-outras-dicas-para-desbloquear-sua-tese-por-gabriel-peters.pdf)

[ess.com/2017/11/blog-do-sociofilo-pc3a2nico-da-pc3a1gina-em-branco-22um-parc3a1grafo-merda-por-dia22-e-outras-dicas-para-desbloquear-sua-tese-por-gabriel-peters.pdf](https://blogdosociofilo.files.wordpress.com/2017/11/blog-do-sociofilo-pc3a2nico-da-pc3a1gina-em-branco-22um-parc3a1grafo-merda-por-dia22-e-outras-dicas-para-desbloquear-sua-tese-por-gabriel-peters.pdf)

Weber, Max (2005 [1919]), «A ciência como vocação», em: *Três tipos de poder e outros escritos*. Lisboa, Tribuna da História. Disponível em: http://www.lusosofia.net/textos/weber_a_ciencia_como_vocacao.pdf